

A fama e o rumor na literatura sobre guerras civis romanas (49 - 45 a. C e 69 d. C): o ambiente da guerra civil.

YGOR KLAIN BELCHIOR¹

Introdução: Por que fama e rumor?

*“O Rumor correu de uma só vez através das grandes cidades da Líbia”.
Extemplo Libyae magnas it Fama per urbes
Virgílio. Eneida. IV, 173*

Em minha tese de doutoramento em História Social tenho como objetivo estudar o papel e a eficácia dos rumores que circulavam no ambiente das guerras civis romanas. Para tanto, irei, neste texto, dissertar sobre a contribuição que as teorias da ação coletiva proporcionaram ao estudo do meu objeto histórico em questão. Assim, para atingir meus objetivos, proponho a divisão do meu texto em três partes: Uma introdução, onde apresentarei as evidências literárias (fontes) que permitem este estudo, quais os vocábulos que selecionei em meu catálogo e o porquê da minha escolha. Isso será importante para explicar, por exemplo, a minha tradução da epígrafe desta introdução, onde optei por traduzir o vocábulo *fama* por rumor, sendo que, em outra passagem, decidi manter a sua forma latina por considerar que em alguns casos a *fama* pode assumir um sentido e um mecanismo diferente daquele dos rumores. O mesmo vale para a primeira passagem citada na página anterior, onde é possível perceber que existe uma diferenciação clara ente notícias (*nuntius*) – em alguns casos podemos encontrar “carta” (*littera*) - dos rumores (*rumores*).

Na segunda parte, procurei apresentar como os vocábulos *fama* e o *rumor* são utilizados e em quais contextos o são pelas fontes literárias sobre o período. Nesta parte também pretendo, mesmo que indiretamente, indicar a importância que as teorias da ação coletiva proporcionaram para uma nova leitura das fontes, não só destacando a presença do

¹ O autor possui Graduação e Mestrado em História pela Universidade Federal de Ouro Preto. Atualmente é Doutorando em História Social pela Universidade de São Paulo, sob a orientação do Professor Norberto Luiz Guarinello, e é membro do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano e Mediterrâneo Antigo (LEIR-MA/USP). Para maiores informações, acessar o sítio do grupo de pesquisas: <http://leir.fflch.usp.br/> ou o sítio pessoal do autor: <https://usp-br.academia.edu/YgorBelchior>. E-mail: ykbelchi@usp.br.

meu objeto histórico, mas também evidenciando o processo de disseminação desses rumores, seus resultados e a dinâmica social que pode ser estudada por um historiador a partir deles. Por último, pretendo dissertar mais diretamente sobre as teorias da ação coletiva, destacando suas contribuições para o estudo do meu objeto histórico e para a hipótese de meu projeto inicial: os rumores eram empregados como armas políticas e militares durante os embates das guerras civis.

Sendo assim, como recorte temporal do meu trabalho, optei por escolher duas guerras distintas e que também foram travadas com palavras, uma na República moribunda e outra no principado, mas que possuem uma boa literatura que nos foi legada sobre os acontecimentos vivenciados durante a deflagração desses conflitos. São elas, as guerras civis travadas por César e Pompeu, entre 49 a 45 a. C, e as que tiveram lugar durante o ano de 69 d. C, também conhecido como o ano dos quatro Imperadores. Sobre os relatos desses acontecimentos cabe dizer que temos uma rica literatura grafada em diversos gêneros, como os discursos em terceira pessoa escritos por Júlio César, a exemplo das *Guerras Civis*, a *Farsália*, de Lucano, uma poesia que relata o conflito entre César e Pompeu e as *Histórias*, que relatam o ano dos quatro imperadores, de Tácito. Além destas obras, cabe destacar outras contribuições importantes, que não tocam diretamente na questão dos rumores, mas que são relatos preciosos para entendermos os contextos que pretendemos estudar. São elas, as biografias intituladas *A vida dos doze Césares*, de Suetônio, e a *Vida de Galba e Otão*, de Plutarco, além da historiografia legada por Dião Cássio, em sua *História de Roma*, e Flávio Josefo, na obra *Guerras Judaicas*.

Cabe também afirmar que junto a essa documentação também procurei inserir outras contribuições que também são importantes para entendermos não só o contexto temporal estudado, mas também os diferentes sentidos empregados pelos autores latinos para os rumores. Para tanto, também utilizarei em minha análise obras produzidas próximas ao contexto por mim estudado, como as *Guerras Gálicas*, de César, os relatos sobre as *Guerras alexandrinas, africanas e espanholas*², atribuídas a César, a *Eneida*, do poeta Virgílio, as *Metamorfoses*, do também poeta Ovídio, e a *História de Alexandre Magno* de Quinto

² Optei por traduzir o título dessa obra e de citar a sua atribuição a César porque utilizo a tradução para o inglês feita pela LOEB. Cf. (CAESAR, 1988).

Cúrcio (como exemplo - VI, 2, 15 - 5, 32), além das obras de Tácito, Plínio, o jovem e Marcial. Todas essas obras tocam em diversos aspectos dos rumores, principalmente nos dando uma ótima diretriz para diferenciarmos os dois vocábulos que até agora empregamos: *fama* e *rumor*.

Para lidarmos com essas fontes, nossa metodologia consistiu na leitura e no fichamento através de programas e de ferramentas digitais de pesquisa, destacando, assim, principalmente, além do inventário do nosso objeto, algumas reflexões que consideramos primordiais para o desenvolvimento desse trabalho, como exemplo, o que é o *rumor* e a *fama* para cada um dos nossos autores? Eles concordam entre si? A *fama* e o *rumor* da república são os mesmos do principado? É possível observar a mesma dinâmica social resultante deles em todas as obras? Em quais contextos que são empregados? Qual deles é o mais empregado? Qual deles é o mais eficaz? Perguntas que a nosso ver que começaram pelo levantamento dos principais vocábulos utilizados pelos latinos para apresentar esse tipo de fenômeno, mas que, segundo os renomados *The Oxford Latin dictionary* e o *A Latin Dictionary*, editado por Charlton T. Lewis e Charles Short, e mesmo com as diferenças claras entre eles no emprego das fontes, possuem basicamente o mesmo significado. Ou seja, justificando até a livre tradução de uma pela outra. Cito os verbetes: *Fama*: “the talk of the multitude, like rumor, either as relating or as judging”. Por outro lado, o significado de *rumor* também aparece nesse mesmo sentido, ou seja, como “the talk of the many, whether relating facts or expressing opinions”³.

Como se vê, nossa preocupação em apresentar a *fama* e o *rumor* como uma dificuldade inicial deste trabalho é justificável. Afinal, apesar das diferenças expressas nas fontes, eles possuem basicamente o mesmo tratamento: são rumores. E como tal possuem uma dinâmica intrínseca com o gênero literário que a apresenta. Porém, cabe destacar que não pretendo estudar a *fama* e o *rumor* como apenas recursos literários, restritos apenas aos debates no campo de estudos das Letras ou da Literatura Clássica. Eles, para mim, serão tratados como evidências históricas do meu objeto histórico e dos seus mecanismos de

³ Os verbetes citados foram extraídos do *A Latin Dictionary*. Founded on Andrews' edition of Freund's Latin dictionary. revised, enlarged, and in great part rewritten by. Charlton T. Lewis, Ph.D. and Charles Short, LL.D. Oxford. Clarendon Press. 1879.

disseminação e atuação sobre os agentes. No entanto, isso não significa dizer que o campo retórico não será importante e nem visitado. Ele só será interpretado de outra maneira.

Na verdade, esse caminho será o próximo a ser trilhado, pois, e aqui passando para a conclusão de minha introdução, pretendo realizar na sequência deste texto uma discussão sobre a *fama* e o *rumor* na literatura por mim selecionada. E, como vamos falar de literatura latina, principalmente de diversos gêneros, creio que uma discussão sobre a retórica clássica também será necessária e inevitável⁴. Para tanto, seguirei a minha proposta de realizar esse debate sobre a literatura latina só que mantendo sempre a minha leitura em contato com aquilo que a teoria da ação coletiva contribuiu a minha leitura das fontes. Afinal, uma leitura mais sociológica da retórica clássica pode proporcionar aos estudiosos outra visão para além do colorido e do drama construído por bons oradores. Ela pode revelar mecanismos sociais estudados e reavivar, ou até mesmo criar, uma nova memória sobre os funestos acontecimentos decorrentes de uma guerra civil.

O ambiente da guerra civil

“Eu vejo guerras, guerras horríveis, e o Tibre espumando com muito sangue”.

Virgílio. Eneida. VI, 86- 87

“Correu sangue fraterno nos primevos muros”.

Lucano. Farsália. I, 95

Confesso que, quando menino, nunca fui um adepto de círculos literários e nem de leituras públicas de poesia, principalmente aquelas que haviam sido escritas e proclamadas bem antes da sociedade que eu vivia à época. De certo, isso de dava porque realmente nunca tinha compreendido que o ato de fazer um texto ou um discurso era algo muito mais complexo do que simplesmente olhar para um papel ou para uma tela de computador e dizer as palavras que com certeza viriam à sua mente. Na verdade, essa minha compreensão pode ser justificada pela minha pequena pretensão de outrora em ler romances históricos que me colocassem diretamente no mundo romano, seja através da narrativa das inúmeras batalhas e

⁴ Sobre a importância desse estudo para a Historiografia Antiga Cf. (BELCHIOR, 2011).

de seus generais ou até mesmo as que se prendessem em personagens cotidianos, como os “exóticos” gladiadores e as mulheres que desafiavam uma sociedade que pouco dava espaço para elas. Era uma leitura infantil de um mundo desconhecido e que muito me interessava.

Mas, com o passar da idade, a minha compreensão sobre “um outro” mundo, o das palavras escritas e faladas, que antes acompanhava minhas pacas ambições nesse campo restrito ao lazer, começou a mudar e a se ampliar. Talvez o maior culpado dessa minha nova visão sobre esse mundo, e há de confessar que também do meu, seja algo muito conhecido por todos: a literatura greco-romana e seus mais diversos e ricos gêneros discursivos. Os mesmos que ficaram cada vez mais ricos, pelo menos para mim, quando passei a estudá-los através dos manuais discursivos que nos foram legados pelos antigos. A saber, a *Retórica*, de Aristóteles, o *Sobre o Orador*, de Cícero, *Educação Oratória*, de Quintiliano, o *Diálogo dos Oradores*, de Tácito, *Como se deve escrever a História*, de Luciano de Samósata, mas, principalmente, *Retórica a Herênio*, um manual retórico atribuído a Cícero. Faço aqui uma breve referência a esta obra:

“Visto, então, que desejamos ter um ouvinte dócil, benevolente e atento, explicaremos o que se pode fazer e de que modo. Poderemos fazer dóceis os ouvintes se expusermos brevemente a súmula da causa e se os tornarmos atentos, pois é dócil aquele que deseja ouvir atentamente. Teremos ouvintes atentos se prometermos falar da matéria importante, nova e extraordinária ou que diz respeito à República, ou aos próprios ouvintes, ou ao culto dos deuses imortais; se pedirmos que ouçam atentamente e se enumerarmos o que vamos dizer. Podemos tornar os ouvintes benevolentes de quatro maneiras: baseados em nossa pessoa, na de nossos adversários, na dos ouvintes e na própria matéria”. (Retórica a Herênio, I, 7 e 8)

Transformar o ouvinte em dócil e benevolente. Essas palavras de fato mexeram com minha cabeça. Afinal, um texto não é só aquilo que você escreve, mas é algo feito também para quem você escreve. E para tal, é preciso que um orador, que neste caso pode ser um poeta, um historiador e até mesmo um general contando suas façanhas, se embrenhe entre mais diversos exercícios de execução discursiva. Esse processo, também conhecido e apresentado por Antônio Martinez de Resende como o momento do *silêncio* (REZENDE, 2010), era composto de inúmeros *exemplae* e *tópoi* que poderiam ser imitados (*imitatio*) não

só para escrever melhor, mas também para aprender técnicas que atuem diretamente no seu receptor, ou seja, que o faça mover para determinada ação (*mouere*). Uma dessas estratégias, a saber, era através da exposição de elementos que atuassem fornecendo uma imagem sobre aquilo que estava sendo proclamado. Ou, seguindo a recomendação de Tácito, cabe ao orador antigo à elaboração de um discurso tão bem trabalhado e formulado “que deleite a visão e os olhos” dos seus ouvintes (*Diálogo dos Oradores*, XXII). Afinal, era preciso que ver o que estava sendo falado ⁵.

Um bom exemplo desta preocupação pode ser extraído desta mesma obra citada anteriormente. Em *Diálogo dos oradores* é possível perceber que o *auctor* nos apresenta elementos críticos e textuais interessantes, principalmente quando se refere ao gênero “Anais” como sendo composto por frases de “tardia e deselegante estrutura” (Tácito. Dial. XII), completamente desvinculado da vividez que é proporcionada pelas ornamentações e licenças poéticas. A culpa disso, segundo o *auctor*, recairia nos ouvidos exigentes da plateia que ansiavam por composições que fossem retiradas “do santuário de Horácio, de Virgílio e de Lucano” (Tácito. Dial. XX). Para tanto, era necessário que os oradores de seu tempo dialogassem com os poetas no intuito de que seus discursos pudessem ser mais visíveis e, portanto, mais convincentes.

Esse processo retórico era feito basicamente através de dois mecanismos discursivos: a *enargeia* e a *ékphrasis* (GINZBURG, 1989: 215-232). Tal como a *enargeia* (ou *evidentia*), a *ékphrasis* tinha a função de colocar diante dos olhos dos ouvintes as palavras que eram proferidas pelo orador - (Retórica a Herênio, IV, 59) – gerando, assim, um efeito de “visibilidade” do discurso proferido. Dessa maneira, a *ékphrasis* aparecia então com uma dupla condição: como o objetivo das narrativas historiográficas e como geradora da *enargeia*, ou seja, do “efeito de verdade”. Essa reflexão também pode ser evidenciada pela seguinte passagem da *Retórica* de Aristóteles:

“Se o temor é isto, forçoso é admitir que as coisas temíveis são as que parecem ter um enorme poder de destruir ou de provocar danos que levem a grandes tristezas. É por isso que os sinais dessas eventualidades inspiram medo, pois mostram que o que

⁵ Realizo uma discussão maior sobre essa temática no capítulo dois da minha dissertação de mestrado, onde discuto o papel das guerras civis como *evidentia*, na historiografia Taciteana. Cf. (BELCHIOR, 2012).

tememos está próximo. O perigo consiste nisso mesmo: na proximidade do que é temível” (Aristóteles, Retórica, II, 1382a).

Como também, posso apresentar as palavras de Pseudo- Longino,

“Quando representas como acontecendo no presente fatos ocorridos no passado, farás do discurso não mais uma narrativa, mas um drama real” (Pseudo- Longino, Do sublime, XXV).

No caso da leitura e da poesia sobre as guerras civis, nada melhor do que ambientar o ouvinte em uma cidade sitiada em seus muros sagrados, com seus templos profanados e saqueados, e com o seu rio, que também era uma divindade, se enchendo de sangue de fratricídios. Assim, também aproveito para justificar por que tive o cuidado de citar algumas passagens, até certo ponto extensas, como a de Virgílio, em partes anteriores ao meu texto. A minha ideia, como tal, foi a de situar o leitor em duas descrições que considero sublimes, para usar o tom deixado por Longino, e que criam o ambiente ideal para falarmos sobre a *fama* e o *rumor* nas guerras civis romanas. O rumor derruba imperadores mais do que as armas. A *fama*, que nesse contexto é a de César e seu exército de enormes e cruéis cavaleiros bárbaros (Lucano. Farsália. I, 469 – 479), mesmo sendo falsa, transforma tudo em medo e facilita a entrada do general em Roma. O Senado foge com Pompeu. A fuga teve que ser às pressas, afinal, nem levaram o ouro de Saturno. Os bárbaros inimigos estão a caminho e vão profanar os nossos templos em busca de ouro – “ó fome de ouro! As leis, desprezadas, perecem rodas sem distinção” (Lucano. Farsália. III, 118- 120). Medo, perigo e profanação! Bem, acho que nem é preciso comentar que a besta de olhos e penas, tal como descrita por Virgílio, não assustaria ao gritar pelas cidades as inverdades que serão tomadas como notícias verdadeiras. A *fama* e o *rumor* são elementos discursivos fortes e assustadores e que vão atingir a *fides* dos ouvintes.

Dentro dessa mesma leitura literária da guerra civil, podemos encontrar autores que demonstram uma preocupação bem semelhante àquela que estamos trilhando até o momento. Essa abordagem posta em prática pode ser ilustrada pelas reflexões contidas na obra de Philip Hardie, intitulada “Rumour and Renown: Representations of 'Fama' in Western Literature”. Nesta obra, o autor apresenta uma reflexão bem centrada em estudar a aplicação da *fama* e do

rumor na literatura ocidental através da ótica de que esse emprego nada mais era do que uma estratégia retórica para dar mais *fama* (importância, ressonância e até veracidade) ao próprio discurso. No caso, por exemplo, do capítulo sétimo, onde analisa historiadores como Tito Lívio e Tácito, Hardie procura analisar a *fama* como uma forma de dar veracidade (*facta*) aquilo que estava sendo narrado, mas também, como no caso dos *Anais*, como uma forma de dizer que os rumores e a *fama* (entendida aqui como reputação) eram sempre manipulados para servir as necessidades do *princeps*, isso dentro de um ambiente, de complôs, fofocas e muito medo. Outro exemplo interessante, e que vai ao encontro da passagem do Canto IV de Virgílio, já mencionada, é como Hardie observa a descrição monstruosa da *fama*, ou do rumor, antes de falar sobre o relacionamento de Eneias com Dido. Para ele, essa criatura personificada serviria para criar o enredo, uma trama que seria travada pelo protagonista ao longo de todo o Canto IV (HARDIE, 2012).

Ver o perigo e esperar algo dele, se prevenir. Mas também criar o perigo e mobilizar a ação desejada pelo discurso. O observador agora tenta agir sobre os agentes outrora observados. O ambiente é a *polis*, é a *urbs*, é a cidade e seu centro: os homens políticos. É uma dinâmica até certo ponto complexa e racional que a meu ver necessita de um orador com bom conhecimento sobre a experiência humana, seja através de sua história ou da memória construída a respeito dela. Ou seja, algo bem próximo ao que o *retor* Quintiliano, em sua *Educação Oratória*, descreve quando afirma que “a história, por sua vez pode também alimentar o orador, como se fosse por uma qualidade de seiva ricamente nutritiva e saborosa” (Quintiliano. *Educação Oratória*. X, 1, 31, 1). A história nutre aquele que irá para uma batalha de palavras. Ela o deixa mais forte!

Mas seria só isso? O quão difícil era para um orador, neste caso um historiador, ornamentar uma guerra civil? Fazer sentir o perigo de ter a sua cidade sitiada por tropas romanas compostas por “bárbaros”? Seria essa ornamentação apenas recurso literário? Apenas para dar veracidade? Seria apenas uma licença dada aos poetas? Enfim, creio que estas são perguntas importantes e necessárias para trazermos nosso objeto para outro campo que até então foi pouco abordado: a história. E, para tal, nada melhor do que deixar um grande historiador responder nossas inquietações. Cito as palavras de Tácito contidas em seu proêmio sobre a narrativa dos acontecimentos das guerras civis de 69:

Estou entrando na história de um período rico em desastres, assustado em suas guerras, dilacerado por conflitos civis, e até mesmo na paz cheio de horrores. Quatro imperadores pereceram pela espada. Houve três guerras civis, mais que contra os inimigos estrangeiros, embora havia também muitas vezes guerras que tinham os dois caracteres ao mesmo tempo (Tácito. Histórias. I, 2).

Nessa matéria rica em desventuras não cabe ao orador um exercício que exija a aplicação de grandes técnicas retóricas e nem muitos ornamentos. Tácito justifica isso ao afirmar que o período por si só já seria de grande valia para conquistar a atenção dos ouvintes, e que a instabilidade à qual estavam sujeitas aquelas pessoas que vivenciaram três guerras civis, servia para captar a benevolência de sua plateia por diversas vias: através da amplitude dos fatos e da importância atribuída aos exemplos narrados. Nesse intuito, nada melhor ao bom orador do que recorrer à verossimilhança das ações humanas, do comportamento humano, e das vicissitudes que derivaram da interação entre eles. Ou seja, seria algo parecido com “eu vejo porque já vi, ou pelo menos, imagino que poderia ser assim ou se passado desta maneira”. Nesse sentido, o que podemos apontar em matéria discursiva, principalmente em se tratando de discursos sobre as guerras civis romanas, é que presente (ação sublime de um discurso), passado (a experiência humana que ambienta esse discurso) e o futuro (ação provocada pelo discurso) ⁶, estão muito presentes e atuantes nas fontes que analisaremos ao longo deste trabalho. Isso fica mais evidente se atentarmos para a seguinte passagem de Lucano quando o poeta se refere aos sentimentos que os idosos traziam das guerras civis entre Mário e Sula:

*“fere a um tempo dois chefes
e os partidos rivais, enquanto o não merecem.
Com tanta profusão de crimes jamais vistos
ambos disputam quem na urbe imperará?
Guerras civis mover só tinha um valor
se contra os dois. Assim caduca a piedade
reclamou. Mas os pais dor própria lhes tocava,
a tarda hora fatal os idosos odeiam,
à outra proscricção civil sobreviventes.*

⁶ Traduzido para o latim como *delectare* (deleitar), *docere* (ensinar) e *mouere* (mobilizar para uma ação).

*Um deles relembrando as fontes de seu pânico
'Não outros tranSES', diz, 'os fados preparavam
quando Líbios e Teutões já vencedor,
Mário, no exílio, abrigo teve em limbo".
(Lucano. Farsália. II, 59 – 70)*

Essa passagem de Lucano, extraída da obra *Farsália*, publicada em 65 d. C, sob o governo de Nero, talvez seja extraordinária para amarrarmos o nosso raciocínio até aqui. Sobre o poema em questão, ele é classificado como pertencente ao gênero épico e é composto por dez livros que descrevem a disputa entre César e o Senado. Sua obra chegou até os dias de hoje inacabada. Para alguns pesquisadores e tradutores da obra ⁷, é possível afirmar que a ideia de Lucano era a de terminar a sua obra com a morte de César, em Março de 44 a.C. Contudo sua narrativa é interrompida abruptamente no contexto das operações militares de César em Alexandria, no inverno de 48- 47 a.C. Nesta obra, é possível perceber claramente o emprego de um memória de como a guerra civil era avassaladora e também como os mesmos mecanismos de combates, de proteção e de busca por informações continuavam a ser os mesmos em temporalidades distintas. Afinal, a guerra entre Mário e Sila está presente nas guerras entre César e Pompeu, ao mesmo tempo em que estas são utilizadas pelo orador para atuar no presente e também no futuro. Afinal, é de se esperar que o colorido e a memória deixada pela poesia de Lucano tenha tido ao menos um pequeno lugar nos acontecimentos das guerras civis de 69.

A guerra civil, portanto, possui uma história e um mecanismo que pode ser atestado pelo passado e pelas ações humanas no presente, inclusive em sua forma narrativa. Isso também pode ser justificado demonstrando que a guerra civil, como um mecanismo literário, também poderia, e assim o foi, ser empregada como uma metáfora para descrever e até mesmo ampliar com conflitos políticos durante o Principado. Um exemplo disso também pode ser extraído de Tácito quando, em *Anais*. IV, 17, 3, afirma que: “a isso dava todo motivo Sejano, que lhe afirmava estar já Roma dividida em partidos como nos tempos das guerras civis”. Ou seja, ao lermos todas as fontes que utilizaremos para esta pesquisa é possível estudar os acontecimentos narrados, dentre elas a situação das províncias, os medos em

⁷ Dentre eles Brunno V. G. Viera. Cf. (LUCANO, 2011).

Roma, mas, principalmente, os rumores, como objetos históricos que possuem um mecanismo de ação que também pode ser encontrado e atestado. Como este exemplo trazido por César:

“Aqueles Estados que consideram organizar as coisas públicas mais judiciosamente, têm prescrito por leis que qualquer pessoa que tenha aprendido algo importante para a comunidade com os seus vizinhos, seja pelo rumor ou pela fama, deverá transmiti-lo ao magistrado, e não comunicá-lo a qualquer outro comum, pois os homens imprudentes e inexperientes foram por muitas vezes alarmados com falsos rumores e assim foram impelidos a cometer crimes e medidas precipitadas em assuntos da mais alta importância. É da função do Magistrado esconder as coisas que necessitam ser mantidas desconhecidas da multidão. Não é lícito falar sobre a comunidade, exceto em assembleia” (César. Guerras Gálicas. VI, 20).

Mesmo não falando especificamente de nenhuma guerra civil por nós escolhida, esta passagem de César foi trazida para este trabalho justamente por trazer elementos muito importantes para a nossa análise. Em uma guerra, as palavras são muito importantes, já que a busca por informações é intensa. Os exércitos se movem e necessitam de apoio, de suprimentos e de água. As cidades se fecham. Deliberam. Qual candidato apoiaremos? Nos rendemos ou defendemos? Quanto de suprimento temos? Quanto aguentaremos? Já, as informações são restritas, são colocadas apenas no nível de rumores. Porém, estes têm pouca amplitude, já que são colhidos em comunidades vizinhas ou são internos a própria comunidade de origem. Quem escolherá a informação certa? Pois, se não fiscalizados pelas autoridades, podem atingir níveis alarmantes. E, dentro de uma guerra, com toda aquela retórica descritiva de seu clima de tensão, medo e instabilidade, uma convulsão interna contra as autoridades ou qualquer pânico que atrapalhe as defesas e as vigias, todos podem ser funestos.

Nesse sentido, a retórica mais uma vez é reveladora, já que descreve essas comoções e esses eventos de uma forma bem detalhista, quase que no nível de um estudo sociológico e psicológico dos personagens envolvidos. Pois, correr para determinado templo, inquirir comerciantes e viajantes, buscar informações no Campo de Marte, mesmo local que iam para as eleições, se proteger, deliberar e até mesmo agir em prol de determinado partido

espalhando rumores. Todas as ações que a meu ver são mais do que simples ornamentações para criar um ambiente, elas revelam práticas do cotidiano destas guerras, como a interação entre os seus agentes, seus mecanismos de ação, quais eram os tipos de rumores que circulavam, qual a sua amplitude, como eram recebidos, por quem e, principalmente, seus resultados: a ação social dos agentes.

BIBLIOGRAFIA

ALLPORT, Gordon. W; POSTMAN, Leo. *The Psychology of Rumor*. Oxford: Henry Holt, 1947.

BELCHIOR, Ygor Klain. A história como um romance? Uma discussão da contribuição teórica da vertente pós- modernista para os estudos sobre a historiografia Taciteana. Revista *Ágora* (Vitória), v. 7, p. 1-22, 2011.

_____. *Tácito e o principado de Nero*. 2012. 156 f. (Dissertação de Mestrado em História) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2012.

BORDIA, Prashant; DIFONZO, Nicholas. “Rumor, Gossip and Urban Legends”. *Diogenes*, 2007, 54: 19.

BURKE, Peter. *A escola dos annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia*. São Paulo: UNESP, 1990.

BUZZI, Stéphane. Georges Lefebvre (1874-1959), ou une histoire sociale possible. *L'histoire sociale en mouvement*, France, n. 200, Mar. 2002.

COLLINS, Randall. “A tradição do conflito”. In: *Quatro estações sociológicas*. Trad. De Raquel Weiss. Petrópolis: Vozes, 2009.

DURKHEIM, Émile. *Da divisão do trabalho social*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FINE, Gary Alan. “Rumor, Trust and Civil Society: Collective Memory and Cultures of Judgment”. *Diogenes*, 2007, 54: 5. p. 5.

GINZBURG, Carlo. “Ekphrasis e citação”. In: *A micro-história e outros ensaios*. Tradução de António Narino. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989, pp. 215-232; GINZBURG, Carlo. *Relações de força: História, Retórica e Prova*. Tradução de Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das letras, 2002.

- HARDIE, Philip. *Rumour and Renown: Representations of 'Fama' in Western Literature*. Cambridge Classical Studies. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 2012.
- HOBBSBAWN, E. *Rebeldes primitivos: estudos sobre formas arcaicas de movimentos sociais nos séculos XIX e XX*. 2ª ed. Revisão e Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- JHALLY, Sut. *The Codes of Advertising: Fetishism and the Political Economy of Meaning in the Consumer Society*. London: Routledge, Chapman and Hall Inc. 1990.
- LE BON, G. *Psicologia das Multidões*. Trad. de Marina Sérvulo da Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- LEFEBVRE, Georges. *O grande medo de 1789: os camponeses e a Revolução Francesa*. Rio de Janeiro: Campus, 1979.
- MARX, Karl. *O 18 de Brumário de Luís Bonaparte*. Trad. De Nélcio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MATTELART, Armand; MATTELART, Michèle. *História das teorias da comunicação*. São Paulo: Loyola, 1999.
- QUINTANEIRO, Tânia. BARBOSA, Maria Ligia de O. OLIVEIRA, Márcia Gardênia de. *Um toque de clássicos: Marx, Dürkheim e Weber*. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- ROGERS, N. *Crowds, Culture and Politics in Georgian Britain*. Oxford: Oxford University Press, 1998.
- RUDÉ, G. *A multidão na História: estudo dos movimentos populares na França e na Inglaterra, 1730 – 1848*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Campus, 1991.
- RULE, James B. “Collective behavior: civil violence as social devolution”. In: *Theories of Social Violence*. Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press, 1988, p. 91 – 118.
- SANTOS, Homero Fonseca dos. *Viagem ao planeta dos boatos*. Rio de Janeiro: Record, 1996
- TILLY, Ch. *From mobilization to Revolution*. Reading, Mass: Addison- Wesley, 1978.
- SIMIAND, François. *Método histórico e ciências sociais*. São Paulo: EDUSC, 1972.
- THOMPSON, E. P. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. Trad. de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.